

O RACISMO COMO SOFRIMENTO PSÍQUICO: ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS NO ATENDIMENTO À POPULAÇÃO NEGRA

Thaily Costa Estácio¹; Flávio Alves da Silva²; Wilma Magaldi Henriques³

1. Estudante do curso de Psicologia; e-mail: thaily.costa@gmail.com
2. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: flaviosilva@umc.br
3. Professora da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmahenriques@hotmail.com

Área de conhecimento: Psicologia

Palavras-Chave: Racismo; Racismo Institucional; Psicologia

INTRODUÇÃO

As pessoas negras (pardas e pretas) representam 55,8% da população Brasileira, porém, essa diversidade tem sido representada como inferior e dificilmente encontra-se em papel de destaque, além disso, os negros sofrem mais com o desemprego do que os brancos e tem os menores salários independentemente do nível de instrução (IBGE, 2019). A população negra é vista como inferior por um projeto de branqueamento, em que os brancos são concebidos como modelo universal de humanidade (BENTO, 2014). Para Castelar e Khouri (2016) a Psicologia, enquanto ciência, colaborou na propagação de ideias racistas, e ainda hoje profissionais de Psicologia tem objeção em reconhecer o racismo como sofrimento psíquico. Assim, é fundamental que a Psicologia compreenda os fenômenos psíquicos a partir das questões apresentadas nas individualidades dos sujeitos, mas que também contemple as questões sociais (BENEDITO, 2018). Esse tema torna-se relevante, pois é fundamental que os profissionais de Psicologia, pertencentes aos diferentes grupos raciais, atuem de maneira antirracista em relação ao sofrimento específico que pessoas negras vivenciam, assim como tenham uma prática que combata o racismo e promova e garanta direitos humanos.

OBJETIVOS

Este estudo teve como objetivo geral identificar e analisar como os profissionais de psicologia abordam as questões raciais no âmbito de sua prática clínica; e como objetivos específicos: a) analisar os reflexos do racismo institucional no contexto das práticas Psicoterapêuticas; b) identificar se o racismo é tomado como um elemento gerador de sofrimento psíquico nas práticas clínicas de profissionais psicólogos; e c) investigar como a questão racial é abordada no processo de formação e capacitação profissional.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de abordagem qualitativa, que recorreu à metodologia da História Oral Temática conforme proposto por Meihy (1991). A amostra foi constituída por 10 Psicólogos, sendo 9 mulheres e 1 homem, os quais atuavam em serviços privados e público respectivamente. E prestavam atendimento clínico em na cidade de São Paulo e Mogi das Cruzes a pessoas negras vítimas de racismo. Foi apresentado a cada um dos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), compreendo a finalidade do estudo, assim como os esclarecimentos necessários para a tomada de decisão pela participação voluntária na pesquisa. A coleta de dados era realizada por meio de entrevista aberta que se orientava pelo instrumento de história oral, com a pergunta disparadora: *“Pode me contar sobre sua experiência no atendimento a pessoas negras que tenham sido vítimas do racismo?”*

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo evidenciou que, para os depoentes, muitos psicólogos, em suas práticas, deslegitimam o sofrimento racial, desconsideram a problemática no racismo, assim como reproduzem discursos racistas na prática psicoterapêutica, o que faz com que muitos psicólogos não abordem a questão racial na sua prática clínica, já que existe um estranhamento com o tema. Para SILVA (2004) as atitudes racistas são incorporadas às estruturas sociais, incluindo instituições políticas, educacionais, de saúde e diferentes equipamentos do Estado, gerando acesso e tratamentos desiguais, que, na maioria das vezes, são abafados ao conjunto da sociedade e considerados como atos persecutórios. Nos relatos é perceptível que pessoas negras tem menor acesso ao serviço privado de psicoterapia e outras modalidades de atendimento, evidenciando que o Estado as deixa à margem dos cuidados relacionado à saúde mental. Isso demonstra também que, o bem estar mental é acessado em sua maior parte, por pessoas brancas de classe média que podem arcar financeiramente com serviço de psicologia. Atualmente, a população negra tem uma maior letalidade por violência policial do que a branca, tal situação na prática clínica é percebida quando, nos depoimentos é mencionado o medo que crianças negras tem da polícia e de como isso pode produzir impactos na psique desses jovens e familiares, já que convivem com o medo da morte iminente, por conta do genocídio da população negra, pobre e periférica, que tem na violência policial um dos seus principais alvos. As ações violentas em periferias fazem com que essas crianças tenham uma infância aterrorizadora, ao contrário da maior parte de brancas, que em seus contextos podem perceber a polícia como uma espécie de mito heroico. O racismo institucional vai além da ação individual, e se origina das operações de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade, não recebendo tanta condenação pública (ALMEIDA, 2018). O racismo institucional se manifesta de diversas formas na vida cotidiana das pessoas negras, conforme exemplificado pelos depoentes, como o menor acesso aos serviços de saúde em relação aos atendimentos psicoterapêuticos; nas discriminações por conta da aparência como na possibilidade de não contratação por conta do cabelo crespo e até mesmo no risco de ser recebido de maneira hostil em um atendimento médico. Estas manifestações podem ocorrer de maneira sutil e é importante que psicólogos se atentem a não focar sua escuta somente em um possível diagnóstico clínico, mas oferecer uma escuta que considere aspectos psicossociais. O olhar de psicólogos diante da temática racial pode ser um marcador, sendo inadequado individualizar a questão do racismo como uma questão com a qual o sujeito deve se haver, assim, é importante trazer para a prática clínica uma dimensão social de que o problema não é a pessoa e sim estrutural. Nos depoimentos foi possível identificar que os profissionais possuem posturas diferentes em situações semelhantes. Em uma delas, um paciente recebeu uma interpretação descontextualizada sobre a representação do cabelo crespo e entende que a não aceitação das madeixas é simplesmente critério de contratação das empresas. Já a segunda compreende que esses “critérios”, são racistas além disso, realizou análises da empresa juntamente com a cliente. De acordo com Jardim (2018) a expressão “cabelo ruim” para se referir ao cabelo crespo, evidencia o racismo, pois, ler o cabelo das pessoas negras como “ruim” e das “brancas” como bom, traz sofrimento, mudar o cabelo pode significar uma tentativa de sair da inferiorização, o cabelo crespo e a aparência são questões recorrentes trazida pelas pessoas negras no setting clínico. Nos relatos se identifica uma inquietação, uma não-aceitação social e institucional, onde cabelo representa a negritude e também a possibilidade de não contratação em empregos, tal situação que é, comumente, diagnosticada como baixa autoestima, mas que na verdade é ouvir desde antes do nascimento e ao longo da vida que ser e parecer negro é algo ruim. Vale mencionar que, infelizmente, muitos profissionais de psicologia, em sua atuação podem invalidar, deslegitimar ou desconsiderar quando o paciente comenta ter sido alvo de alguma forma de racismo, o que viola os direitos humanos e o próprio Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005).

As consequências avassaladoras que a formação eurocentrada estabelece são diversas. Após a formação o (a) profissional se depara com a angústia de lidar com assuntos que não foram discutidos na graduação. Há um estranhamento e/ou rejeição quando o paciente traz a pauta racial, uma posição não crítica e descontextualizada diante da realidade social. Nas redes sociais do Sistema de Conselhos de Psicologia é comum encontrar profissionais questionando que alguns assuntos não devem ser trabalhados como por exemplo, a necropolítica, políticas afirmativas, o racismo e suas manifestações, entre outros. Os psicólogos não tiveram disciplinas relacionadas à temática racial na graduação, em alguns casos foram buscar a capacitação através do Conselho Regional de Psicologia, ou na internet. Apesar dos avanços, a Psicologia em grande parte, ainda estuda um sujeito “genérico”. Muitas vezes, os (as) profissionais de psicologia tem o discurso de que não seria necessário aprofundar na temática do racismo, o que reforça a ideia de que “somos iguais”, mas que desconsidera as desigualdades. Observou-se, nos relatos, que muitos psicólogos percebem que seus pacientes negros não se nomeiam dentro de uma identidade negra. No Brasil, ser negro é associado ao ruim, ao sujo, ao feio, entre outras significações pejorativas. Não há como a pessoa se reconhecer de maneira positiva se a sociedade produz uma série de discriminações. No geral, existe pouca pesquisa no Brasil que examinam desigualdades em saúde segundo raça/cor da pele, principalmente porque os pesquisadores não abarcam questões sobre raça/ cor nos instrumentos de pesquisa (ARAUJO, 2016). E isto representa o “mito da miscigenação”, como descrito por Munanga (2017), como se existisse um paraíso racial, entre brancos, negros e indígenas, como harmoniosas, sem discriminação a não ser de ordem econômica. Algo bastante destacado pelos depoentes quando se discute a questão étnico racial é de que as pessoas negras têm menos oportunidade e precisam se “esforçar” mais do que as brancas, porém os resultados desse esforço não são equiparados. De fato, se observa na mídia, no meio acadêmico, na literatura, entre tantos outros espaços que a pessoa branca só precisa ser, enquanto a pessoa negra necessita provar que existe.

CONCLUSÕES

Nessa pesquisa foi possível analisar como o racismo impacta na constituição da identidade e subjetividade das pessoas negras. As pessoas negras podem não se identificar e por consequência dificilmente nomear ter sofrido racismo. Elas também podem entender como uma problemática somente interna, um sentimento difuso, então, raramente chega ao consultório por essa questão. Os participantes reconhecem o racismo como um fenômeno social estruturante, uma outra parte descreve não sabe como lidar se o paciente trazer essa adversidade e até mesmo não compreendem o racismo como um problema a ser combatido. Abordar a questão étnico racial na prática clínica é complexo, já que tema é apagado nas formações universitárias, sendo ainda um assunto pouco discutido e com bastante resistência a ser tratado, que faz com que muitos profissionais não saibam identificar e manejar situações de racismo quando se deparam com elas. Os depoimentos evidenciaram que é necessário que se realizem mais pesquisas e práticas voltadas para as demandas da população negra e que nomear raça/racismo para o paciente pode ser violento quando este não se identifica enquanto pessoa negra ou não deseja lidar com este assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA. S. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAUJO, E. M; SMOLEN, J.R. Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 22. n. 12, p. 4021-4030, 2017,. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021204021&lng=pt&tlng=pt. Acessado em: 21/09/2020.

BENEDITO, M. S. **A relação entre psicologia e racismo: As heranças da clínica psicológica.** São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Acessado em: 26/01/2020. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-04092018-102726/pt-br.php>

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In BENTO, M. A. S et al. **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** 6º ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo.** XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acessado em: 21/09/2020.

IBGE. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece.** 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>. Acessado em: 27/07/2020

JARDIM, L. **Empoderamento étnico racial feminino através da apropriação do cabelo crespo.** 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/empoderamento-etnico-racial-feminino-atraves-da-apropriacao-do-cabelo-crespo/>. Acessado em: 31/07/2020.

KHOURI, J. G. R.; CASTELAR, M. Percepções de estudantes sobre o debate das relações raciais na formação em psicologia. **Psicologia ensino e formação**, v.7,n. 2, p. 53-62, 2016. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-20612016000200005&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 27/07/2020.

MEIHY, J. C. S. B. **Canto de morta Kaiowá: História oral de vida.** São Paulo: Loyola, 1991.

MUNANGA, K. As ambiguidades do racismo à brasileira. In SILVA, M. L, et al. **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a Psicanálise.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

SILVA, M. L. **Racismo e os efeitos na saúde mental.** I Seminário saúde da população negra, 2004. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20ledu/129-132MariaLucia.pdf>. Acessado em: 21/09/2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Flávio por todo o seu cuidado, carinho e companheirismo, à minha orientadora Wilma por sua sabedoria, sou grata a minha mãe por toda a sua estrutura que me fortalece. Agradeço também a minha amiga Ester, que me doou o primeiro livro sobre a temática racial. E por fim, ao programa prosseguir do CEERT, que me ajudou com bolsas para a minha permanência na Universidade e conseqüentemente com esta pesquisa.